

## ***Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento global***

De Hassan Zaoual

DP&A Editora, 2006

**|| Augusto César Pinheiro da Silva**

DESENVOLVIMENTOS  
E/OU SUSTENTABILIDADES:

o fetiche do lugar, ou as potencialidades dos sítios?

**E**m tempos de crise (ou hipercrise?) da modernidade, os projetos hegemônicos ruem velozmente, em especial aqueles que, após a Segunda Guerra Mundial, foram ortodoxamente criados como promessas de um novo mundo, padronizado e idealizado por modelos norteadores do inconsciente coletivo com ideias de urbanidade, industrialização, cientificidade e cosmopolitismo ocidental. Subjetividades, reflexividades, contradições e aleatoriedades passaram a ser vistas como magias pré-iluministas, e seus pensadores, pobres sonhadores, deixados de lado, pelos vigores da economia pura, da administração do possível e do direito à propriedade.

É exatamente sobre “sonhos possíveis” que Hassan Zaoual, na interessante obra *Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento global*, de 2006, se debruça com estilo e reflexão. Com prefácio, na edição brasileira, da saudosa Ana Clara Torres Ribeiro (a mais geógrafa das sociólogas, para alguns estudiosos do espaço geográfico), o livro do pesquisador franco-marroquino é um compêndio das possibilidades do sítio como lugar, instância de bem-estar e de saberes singulares para quem vive o seu cotidiano, resgatando uma forma de ética do sítio

para as economias dos lugares, tradição nas pesquisas idiográficas de linhagem francesa, do final do século XIX, e que se “hipermoderniza” frente à *débâcle* do uno, globalizado e universal, pós-crise internacional de 2008.

Hassan Zaoual nos alerta contra a alienação do não lugar e da anomia durkheimiana das decisões heterônomas da economia global sobre o que seja qualidade de vida, riqueza, recurso... principalmente nos “países do sul” e em seus enclaves no “norte”. Com uma introdução clarificadora, o autor amplifica a riqueza dos sítios (dádiva, solidariedade, reciprocidade, cooperação, socialização, aprendizagem recíproca...) em relação ao mercado, já que o hibridismo das iniciativas locais reitera as qualidades dos territórios e, portanto, de quem o constitui, o “homem concreto”, trazendo para o âmbito da economia não apenas “alternatividades”, mas sobretudo potencialidades abandonadas, esquecidas, subvaloradas e ocultas nas “brumas de Avalon”.

A forte interação entre grupos sociais e territórios na criação dos lugares de ação dos homens é o ponto mais importante de reflexividade do capítulo 1. Tal abordagem aproxima a ética do desenvolvimento local das sustentabilidades no sentido tratado pelo cientista político Roberto Pereira Guimarães (1997), quando as entende além do sentido instrumental do desenvolvimento, mas como práticas particulares de base cultural, política, social, pautadas na sensibilidade e na percepção dos homens comuns sobre seu futuro; nesse sentido, tal tratamento pode se dar através da gênese dos sítios, suas memórias e patrimônios, onde a pobreza real será sentida e dali mesmo debelada através de projetos,

independentemente de serem grandes ou pequenos, definidos e gerenciados a partir desses “espaços pensados” e delimitados por mitos, valores e representações. Tal possibilidade só será possível com o desenvolvimento de uma racionalidade situada que busque uma economia não violenta.

No capítulo 2, Zaoual reflete sobre a ética e a técnica a partir da base conceitual dos sítios. Assim como Milton Santos em *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção* (1994), o economista identifica a crise dos pacotes tecnológicos no fazer a economia, com referências das grandes tragédias das sociedades contemporâneas, assoladas por padrões produtivos padronizados e “tecnologicamente aceitos”, ao mesmo tempo que as racionalidades dos sítios, e suas filosofias, potencializam o informal frente ao formal para gerar a qualidade de vida local e o dinamismo produtivo na escala dos lugares. Nesse sentido, a prática dos homens nos lugares os separa da cultura dos homens da ciência, já que a primeira é complexa e plural, enquanto a segunda é simplista e empobrecedora.

No capítulo 3, o autor consegue, depois de longa parametrização entre as convenções racionais da economia de mercado e a flexibilidade complexa da teoria dos sítios, identificar a importância das culturas e das memórias vivas dos homens na delimitação das convenções dos desenvolvimentos locais, e como tais associações podem definir territórios condizentes com os lugares, não uniformizados por padrões produtivos e gerenciais “de fora”, hegemônicos, baseados em deduções e abstrações fechadas “outsiders”, e sim nas concretudes das racionalidades abertas e plurais das territorialidades econômicas.

Já no capítulo 4, o autor entra na “alma do negócio”, ou seja, a discussão sobre concorrência versus cooperação. Mantendo-se fiel à defesa do eixo composto por diversidade conceitual, holismo e pluralismo, Zaoual

desnaturaliza as leis naturais da economia do paradigma hegemônico dos projetos de desenvolvimento, em que darwinismo, smithismo e malthusianismo confabulam em torno das experiências científicas da economia contemporânea, reproduzindo frequentemente, através da instrumentalização técnica da modernidade, o quadro de descrédito das economias locais. Expressões como “mercantilização do mundo”, “vampirização”, “individualismo” ganham força para justificar a necessidade de uma microeconomia dos lugares, onde as éticas de cooperação surgem promovendo simbolismos que marcarão as territorialidades em diversas escalas sociais, em contraponto à identificação dos recursos sociais e da natureza como reservas utilizadas como estratégias hegemônicas para a derrocada dos sítios, que, empobrecidos (com exceção das elites, como ocorre nos países do sul), terão suas tradições, saberes, ofícios, indumentárias, arquiteturas, agriculturas, ferramentas etc. (p. 126) desqualificadas por seus próprios atores sociais, que, não cooperativos, buscam apenas “dinheiro”.

Zaoual faz também uma reflexão sobre o fetiche do lugar no desenvolvimento local. Para o autor, a maneira como a globalização passa a ser interpretada a partir de valores, ética, crenças e espiritualidades dos sítios, dentre outros, deve ser a tônica de um discurso contra-hegemônico dos lugares, já que é nas pequenas escalas, na hibridização e a partir da lógica dos atores que se dá o caráter sutil da globalização, tornando os sítios cada vez mais complexos. Nesse contexto, ilusões acadêmicas são quebradas diante da sutileza dos lugares, mas estes só funcionarão na multiescala a que se submetem e em que se projetam, para que os indivíduos situados possam se reconhecer na diferença e buscar correções para as ações verticais do poder (de cima para baixo). Entendendo o desenvolvimento como essencialmente econômico, Hassan Zaoual reconhece a pasteurização provocada por esse conceito, mesmo na escala local, pois que o desenvolvimento local pode ter uma “cara simpática”

e esconder projetos de competitividade, eficiência e racionalidade que reproduzem, naquela escala, os desejos do grande capital. Assim, deve-se proceder a partir de ações locais para o reconhecimento e a aplicação das estratégias tradicionais que quebrem o paradigma do desenvolvimento ao desviar os projetos locais do cientificismo e do pragmatismo numérico-matemático. Com um subtítulo fortemente ligado à perspectiva humanística da geografia (o lugar é primeiramente um encontro), o economista deixa clara a opção pelo simbólico na construção do sítio, baseando-se na complexidade da filosofia de Martin Heidegger como suporte para sua predileção pela ação, pela palavra, poética ou não, pelos lugares. Ou seja, o sítio (lugar) é palavra, verbo, proximidade, cumplicidade (p.146).

Na busca por novos paradigmas que desorganizem as racionalidades dominantes na economia, o autor se mantém na fronteira entre uma modernidade situada e uma pós-modernidade em discussão. Chamada de “mestiça”, a modernidade situada é ainda pouco conhecida por querer-se “não acadêmica”, e vislumbra horizontes conceituais que quebram alguns mitos fundamentais, como o da racionalidade econômica, já que o *homo situs* (homem concreto em situação) deixa de ser um “mero” ator, tornando-se um pesquisador de seu cotidiano, ou seja, de sua liberdade. Assim, o real, a partir dos sítios, passa a ser construído na intersubjetividade da situação, enquanto o sítio configura o seu horizonte, o que só pode promover benefícios no lugar se a capacidade de os “insiders” promoverem inovações e descobertas para o pluralismo econômico for proporcionada.

No capítulo 7, Hassan Zaoual entra na discussão dos paradoxos do termo economia. Haverá a possibilidade de solidariedade e pluralidade na economia? Essa guerra conceitual deve ser quebrada pela perspectiva da não violência à qual o autor atribui a cooperação em substituição à competitividade.

No âmbito de uma economia dissidente, o econômico precisa ser solidário e plural, mas para tal sua semântica precisa se desvincular do capitalismo, ou melhor, de sua ética. Nesse sentido, alternativas como desenvolvimentos localistas, solidariedades competitivas, desenvolvimentos sustentáveis, economias verdes... são receitas requeitadas de uma mesma vertente hegemônica, pois sua ética é mercantil e absolutamente impregnada de eficiência e acumulação. Portanto, é somente através da pluralidade, e assim, do não capitalismo, que a teoria dos sítios poderá ser um instrumento valioso para a nova economia, para o pluralismo econômico.

Finalizando as reflexões sobre o livro, nos capítulos 8 e 9, o economista prega a emergência de economias dissidentes que, no mesmo caminho de linhas radicais de investigação nas ciências sociais (cresce, na geografia, o número de pesquisadores que flertam com a Teoria Queer na busca por uma metodologia subversiva para os estudos espaciais), deve rumar em direção a uma economia não violenta. Enquanto os fracassos das políticas públicas macroeconômicas assolam os países do sul e enclaves no norte, nascem, nesse mesmo contexto, alternativas informais que estimulam a criatividade e a possibilidade de emergência não regular, não científica, não matemática dos sítios como lugares. Com o subtítulo *A economia social: uma economia moral da diversidade*, o autor valoriza a cognição local, a ética e o equilíbrio situados e os fundamentos teóricos de economias rebeldes, que emergem com força, na busca por empreendedores situados que aprendem com o sul a desglobalizar a globalização, para situar o *homo situs* em um mundo mosaico. Desta perspectiva, espera-se que novas racionalidades situadas compreendam que a África não é um continente pobre, já que pobreza ali é ser sozinho e solitário, condizendo muito mais com o individualismo ocidental, nada plural e hegemônico do homem europeu e norte-americano.

§